



POR RAFAEL BARISAUSKAS

Ingressou na Fastmarkets em 2019 e hoje atua como economista sênior para a América Latina, analisando os mercados regionais de celulose, papel e embalagens. Possui profundo conhecimento e experiência sobre o comércio global de commodities e organização de cadeias de valor. Ele é o principal autor do Latin American Paper Products Monitor e do Latin American Pulp & Paper Forecast e coautor do Monthly Economic Commentary. É mestre em Economia pela KU Leuven, na Bélgica, concentrando sua pesquisa em análise das cadeias de valor globais. Trabalha no escritório da Fastmarkets RISI em São Paulo e é professor de Economia na FECAp. Pode ser contatado pelo telefone (+55 11) 4858-0492 ou pelo e-mail rbarisaukas@fastmarkets.com.

PAPELÃO ONDULADO NO BRASIL: RESILIÊNCIA E ESTRATÉGIA

O mercado brasileiro de papelão ondulado continua demonstrando capacidade notável de adaptação, mesmo diante de ventos contrários. Após resultados abaixo do esperado entre julho e setembro, reflexo das tarifas americanas sobre proteína animal e papel, os dados preliminares de outubro trouxeram um alívio: foram expedidas 391.397 toneladas, segundo dados da Empapel, superando as projeções da Fastmarkets em quase 6 mil toneladas no mês. Um sinal claro de que o setor ainda tem fôlego.

Esse desempenho reforça a resiliência que já vínhamos observando desde o início do ano. Mesmo com o consumo interno enfraquecido e o varejo patinando, o setor conseguiu reagir. A recomposição parcial das exportações, sobretudo de proteína animal, somada à reorganização logística de agroexportadores brasileiros em meio à alta sazonal do consumo da indústria local, ajudou a compensar parte das perdas recentes.

Ainda assim, os desafios permanecem. A mudança nos padrões de consumo, com menos bens físicos e mais serviços, sobretudo digitais, continua pressionando a demanda por embalagens para baixo. E embora o impacto das tarifas sobre a proteína animal esteja sendo mitigado pelo redirecionamento das exportações, a cadeia de frutas tropicais pode sentir mais fortemente, dada a relevância do mercado americano, o que pode representar um risco para o setor.

Incorporando os dados de outubro, nossa projeção de crescimento para 2025 passou de +0,1% para +0,21%. Mas, olhando para 2026, mantemos uma perspectiva positiva: estimamos uma alta entre 1,6% e 1,8% na expedição, sustentada pela força das exportações brasileiras de alimentos e pela capacidade do setor de se reinventar.

O papelão ondulado brasileiro mostra que, mesmo em tempos de incerteza, há espaço para adaptação e crescimento. Outubro foi prova disso. ■

